

MEDIA

Nº 19 | julho 2021



SUMÁRIO

Editorial	2
Lemos com Sentido(s)	3
Clube de Leitura	4
Árvore das Palavras	4
Companhia de Teatro CalaBoca	5
Partilhar+ Contigo	6
Fanzine	7
Leitura para Férias	8
Olimpíadas da Língua Portuguesa	8
Concurso Nacional de Leitura	9
Personalidade do mês	10
Euroscola	11
Concursos:	
Poesia	12
Conto	14
Fotografia	19
Uma História em Imagen(s)	20
Fala-barato	21

EDITORIAL

Pelo segundo ano consecutivo a sociedade, as escolas e obviamente a Mediateca da Calazans Duarte, veem a sua atividade condicionada, fruto de uma pandemia que certamente não deixará de nos afetar no próximo ano letivo.

Se esta pandemia nos impediu de concretizar algumas atividades, que eram já uma referência da nossa atuação, como seja o Sarau, o Café Com Livros, o Hoje Há Intervalo, ou o 10ª Ler, por outro lado obrigou-nos a recriar a nossa intervenção e a uma maior aposta nas redes sociais. Terminado o ano, sentindo alguma tristeza pelo que não podemos realizar, sentimos por outro lado uma enorme satisfação pela dinâmica que conseguimos imprimir na atividade da Mediateca de forma a “fintar” as vicissitudes que se nos foram deparando.

A continuidade do projeto aLer+ e fundamentalmente do projeto Lemos com Sentido(s) (Movimento 14-20 a Ler), bem como a entrada da escola no projeto dos Clubes de Leitura nas Escolas, igualmente promovido pelo PNL, foram o motor e o suporte das atividades promovidas pela equipa da Mediateca, ao longo do ano, permitindo ainda a manutenção de um fundo documental atualizado com as preferências do nosso público, sem o qual todos os esforços de promoção da leitura seriam muito mais difíceis.

Em 2021-22 contamos com todos para consolidar a importância da leitura, não só junto da comunidade escolar, mas igualmente junto de toda a comunidade em que a nossa escola está inserida.

Até lá, boas férias e grandes leituras.

António Santos

Ficha técnica:

Capa: José Nobre

Equipa Mediateca: António Santos, Fátima Alendouro, Jorge Alves, Paula Lemos, Sandra Veiga, Tony Silva

Colaboração: Elsa Proença, Beatriz Marques, Diogo Leitão, Giovanna Araújo, João Jordão, Lídia Inácio, Matilde Lopes, Rodrigo Santos, Tomás Elias.

MOVIMENTO 14-20 A LER

LEMOS COM SENTIDO(S)

Neste segundo ano de implementação do projeto Lemos com Sentido(s), no âmbito do Movimento 14-20 apoiado pelo PNL, a nossa aposta, sem menosprezar os outros setores, passou prioritariamente pela articulação com os Cursos Profissionais, com quem foi possível desenvolver um conjunto importante de atividades, com alguns alunos cuja apetência para a leitura está menos enraizada. Algumas destas atividades serão objeto de espaço próprio nesta mesma revista, como é o caso: da *Árvore das Palavras*, que reunindo alguns dos melhores textos escritos pelos nossos alunos, em 2019-20, foram em 2020-21 ilustrados pelos alunos do 3.º ano do Curso de Design Industrial; das Fanzines, sobre feminismo e liberdade das mulheres, produzidas pelas alunas do 2.º ano do Cursos de Ação Educativa; o *Hoje Há Poesia*, pequenos filmes com alunas a declamar, produzidos pelas alunas do 1.º ano do Curso de Design Industrial.

No entanto, outras atividades não menos importantes foram realizadas, com destaque para: a realização de um vídeo de promoção da leitura, por



dois alunos do 3.º ano do Curso de Design Industrial; as histórias escritas, narradas e ilustradas pelos alunos do 1.º ano do Curso de Multimédia, disponíveis no blog da Mediateca <https://mediateca.age-mgpoente.pt/>; os dioramas, um sobre a produção do vidro e outro sobre “A Menina dos Livros” de Sam Winston, elaborados por alunas do 9.º ano.



Em articulação com a Biblioteca Municipal foi realizado um Concurso de Slogans de promoção da leitura e sua posterior ilustração pelos alunos do Curso de Design Industrial, em formato de Mupi, para poderem ser espalhados pela cidade aquando da inauguração da Biblioteca Municipal, após a conclusão das obras que estão a decorrer. Destaque ainda para o “Serviço Poente de Leitura”,



prescrição de leituras pelos nossos alunos, além dos concursos promovidos pela Mediateca: Poesia, Conto, Fotografia e Leitura em Imagem(s), cujos trabalhos premiados poderão ver mais à frente.

Infelizmente a pandemia não nos permitiu concretizar as atividades abertas à comunidade previstas no âmbito deste projeto, como é o caso do Sarau e do Café com Livros.

O ano de 2022 será o último do projeto, onde contamos consolidar algumas das atividades já desenvolvidas, concretizar aquelas que a pandemia impediu e terminar com a edição de um livro em papel, com os melhores trabalhos das três edições digitais da *Árvore das Palavras*.

António Santos

CLUBE DE LEITURA E DEBATE

E se nos sentássemos calmamente e nos preparássemos para ler, em conjunto, o mesmo livro? E se a partir dessa leitura surgisse o debate? E se articulássemos aprendizagens essenciais da Filosofia com um livro que retratasse o mundo contemporâneo e fizesse projeções para o futuro?

Estas perguntas constituíram um desafio irrecusável. O Clube de Leitura e Debate concretizou-se mesmo no quadro das contingências de uma pandemia. O livro escolhido introduziu os alunos num debate a nível mundial uma vez que congrega à sua volta, leitores e pensadores de todos os cantos do mundo, desde a primeira edição.

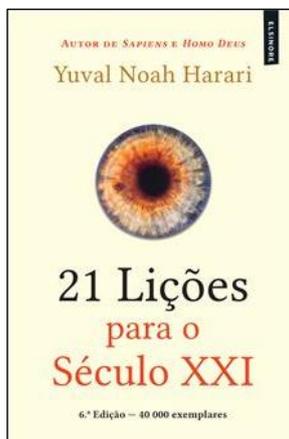
Encontrámos o livro adequado para um debate a nível mundial do qual fizemos parte em aulas presenciais e *online*. Iniciámos a leitura em confinamento. O entusiasmo pela obra foi crescendo. Diferentes perceções dos capítulos lidos das 21 Lições para o Século XXI de Yuval Noah Harari foram surgindo: É notória a forma como somos manipulados

por um cenário altamente tecnológico pensado para nos converter em autómatos; as sociedades contemporâneas eliminaram a liberdade e a autenticidade; as máquinas vão aumentar o número de seres humanos supérfluos; a confusão entre racismo e culturismo não contribui para a harmonia social; sabemos pouquíssimo acerca do mundo...

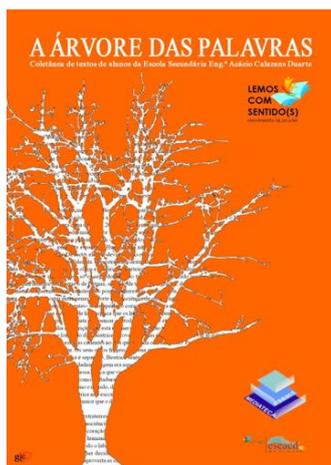
O clube de leitura e debate promovido pela mediateca da nossa escola, integrando o projeto do clube de leitura nas escolas, promovido pelo PNL, teve um impacto muito positivo em termos de trabalho filosófico nos alunos participantes. A procura de outras perspetivas de leitura do mundo, o treino do juízo ponderado e o aperfeiçoamento da argumentação são conquistas indesmentíveis do Clube.

Dignos de elogio são os alunos que se sentaram calmamente e se prepararam para ler, em conjunto, o mesmo livro. Para o ano há mais.

Elsa Proença



ÁRVORE DAS PALAVRAS



Neste verão hesitante ainda povoado de medos, ausências e distâncias, convidamos-vos, mais uma vez, a colherem os mais saborosos frutos produzidos pela fervilhante e criativa imaginação de alguns dos nossos alunos, na forma de sentimentais poesias, de empolgantes narrativas ou de desafiantes reflexões.

Neste segundo e-book que a equipa da mediateca publica, integrado no projeto “Lemos com Sentido(s)”, organizado pela nossa escola no âmbito de um projeto muito mais amplo, “Movimento 14-20 a Ler”,

promovido pelo PNL, a diversidade de temas abordados, tal como as diferentes perspetivas e formas literárias assumidas pelos nossos jovens criadores vão proporcionar, decerto, a quem ler esta segunda publicação, momentos de grande fruição literária e de descoberta de alguns nascentes talentos que nos enchem constantemente de orgulho e que são a prova mais evidente de que a nossa escola continua a conseguir atingir um dos seus objetivos primordiais: fomentar o gosto pela escrita e pela leitura, assim como contribuir para o enriquecimento cultural daqueles que procuram no nosso agrupamento escolar aquele rumo para singrarem nos seus projetos de vida, fazendo destes momentos de descoberta e aprendizagem a firme âncora para erguerem o edifício sempre em crescimento da sua realização e afirmação como indivíduos e cidadãos.

A concretização de mais este projeto da equipa da Mediateca da ESEACD não seria possível sem a significativa colaboração das professoras de português de muitos dos nossos alunos que os incentivaram a produzir muitos dos textos aqui presentes. Para além disso, teremos que agradecer também a preciosa colaboração dos colegas de artes que, com os seus alunos, colaboram sempre na ilustração destas nossas aventuras literárias.

Desta forma, desde já, lançamos-vos o desafio de continuarem, através da leitura deste livro, que em breve verá a luz do dia, a descobrir os grandes artistas e pensadores que brotam, tais quais como os saborosos frutos estivais, desta “Árvore das Palavras”.

Jorge Carreira Alves

NOTA: Enquanto aguardam pela 2.ª edição da Árvore das Palavras, deliciem-se com a 1.ª edição, fazendo o download em <http://be.age-mgpoente.pt/index.php?page=3&id=235>

COMPANHIA DE TEATRO CALABOCA

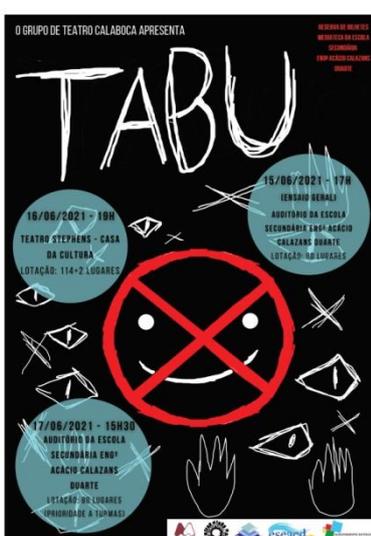
No arranque do Ano Letivo de 2020/2021 abriram as inscrições para o grupo de teatro da nossa escola. Pudemos logo escolher, consoante os nossos horários, em qual dos dois grupos ficaríamos.

Desde o início houve muito entusiasmo para o arranque dos ensaios. Houve várias reuniões para adaptar o texto (no

grupo que realizou a peça “Tabu”) e criar o texto (“Desencantados”) para que fosse compatível com a quantidade de alunos pertencentes ao grupo e para que todos se sentissem à vontade com o seu papel.

O grupo é formado por alunos de diferentes idades e níveis de ensino (do 9.º ao 12.º ano). Sendo um ano em que as condições não eram as mais favoráveis, devido à situação pandémica, percebemos que iríamos ter alguma dificuldade a ensaiar e apresentar a peça, devido ao distanciamento social, mas, no final, tudo acabou por correr bem e atingimos os nossos objetivos. Mesmo sendo um ano de muitas limitações, tivemos sempre a possibilidade de criar novas amizades e de fortalecer outras tantas, como já acontecia nos anos anteriores.

Foi um ano de muita aprendizagem graças à ajuda e ao apoio oferecidos pela professora Francisca Marques que nunca desistiu e conseguiu unir várias personalidades, ajudando-nos a descobrir as nossas capacidades e quem nós somos e, posto isto, é a ela que temos de agradecer tudo o que fez pelo grupo.



As aulas online e o isolamento formaram uma fase diferente e mais difícil para todos. Nestas circunstâncias era difícil manter os ensaios e, por não conseguirmos garantir que o grupo não perdia o que já tinha conseguido evoluir, por falta de treino, deu-nos algum medo e insegurança acerca da realização da peça por

uns tempos.

Neste ano letivo, o Calaboca conseguiu apresentar duas peças: “Tabu”, uma peça que fala sobre as dificuldades dos jovens com a escola, depressão, os pais, entre outros fatores que os podem deixar pressionados, ou, por outras palavras, falava dos tabus da sociedade atual, assim como a falta de informação acerca de diversos temas (apresentado dia 20/7/2021); “Desencantados”, uma história onde alguns personagens dos contos de fadas foram expulsos dos seus contos e se juntaram para criar um novo conto, mas as coisas não correm tão bem quanto esperado, pois as suas peripécias acabam por dificultar essa missão (apresentado dia 21/7/2021).

Concluindo, pode dizer-se que todos gostamos da experiência e esperamos que no ano letivo 2021/2022 o Calaboca volte com ainda mais força e vontade.

João Jordão

Diogo Leitão

PARTILHAR+ CONTIGO



2020/2021... mais um ano marcado pela instabilidade e pelo confinamento a que o vírus Covid 19 nos obrigou. Mas, mais uma vez, os nossos jovens alunos mostraram uma grande vontade e força para ultrapassar as adversidades e dar um pouco de si à comunidade em que estão inseridos.

Assim, não havendo contacto direto com o lar das Vergieiras, ainda foi possível, mais na reta final do ano letivo, partilhar alguns momentos entre os mais jovens e os mais idosos. Desta feita, os intervenientes foram os alunos da turma do 1º ano da Escola da Várzea que, por vídeo-conferência, cantaram e partilharam a leitura de uma história. Por sua vez, os utentes do lar também cantaram e recitaram poemas para os mais pequenos. Foi um momento marcado por muita

emoção e carinho e a vontade de dar continuidade a esta ligação.

Alguns alunos da turma A do 9º ano também marcaram a diferença na escola da Várzea, com a turma do 2º ano, e na escola de Casal de Malta, com um grupo de crianças do pré-escolar. A alegria e a emoção que revelaram ao falar das experiências que viveram com os mais pequenos enchem-nos o coração. De salientar também a colaboração e abertura por parte das professoras e educadora envolvidas que receberam os alunos mais velhos de braços abertos, permitindo-lhes o desenvolvimento de atividades, a integração no ambiente escolar e nos trabalhos em desenvolvimento.

Este continua a ser um projeto no qual vale a pena investir, pois os nossos jovens, que são o futuro da nossa sociedade, assim o desejam. Partilhar+ Contigo é dar um pouco de nós e, sem esperar nada em troca, o rosto enche-se de um sorriso cheio de luz.

Fátima Alendouro

Testemunhos:

“Foi uma ótima experiência, sem dúvida. Diverti-me muito com as brincadeiras dos mais pequeninos, eles têm muita energia e transmitem muita alegria.”

Sofia Lopes

“Foi uma experiência muito boa, passei a saber como lidar melhor com crianças, fez-me sentir melhor comigo mesma e quando saía da escola eu sentia que o meu dia tinha ficado melhor.”

Adriana Morgado

“Eu decidi juntar-me a esta aventura porque queria fazer a diferença numa das mais valiosas fases do ser humano. Com o voluntariado consegui relacionar-me com crianças tão especiais e com profissionais espetaculares. Gostei muito desta experiência, criei laços com as crianças pequeninas mas com uma imaginação gigante e com as professoras/ auxiliares que me receberam e ajudaram. Senti-me bem ao estar presente neste meio diferente, e reviver uma parte da minha infância.

Obrigada por esta oportunidade única. ♥”

Margarida Santos

“Eu gostei muito de ir passar um tempo com as crianças, foi muito fixe, uma das coisas que me cativava a querer ir todas as semanas era chegar lá e vê-las felizes e a gritar os nossos nomes. Foi uma ótima experiência!”

Nayla Caldeira

“Foi uma boa experiência, as crianças ficavam sempre felizes por nos ver. A mim ajudou-me a ter um pouco mais de paciência com os mais novos.”

Guilherme Fernandes



FANZINE



A propósito do mês de abril, mês da liberdade, foi proposto pela professora Francisca Marques, na disciplina de Atividades Lúdico Expressivas, do curso de Técnico de Ação Educativa, a execução de uma atividade que marcasse o momento. O tema foi introduzido

após a visualização do filme “Moxie!: Quando as garotas vão à luta”, da Netflix, que nos foi apresentado em contexto de aula.

Na trama central do filme foi criada uma fanzine pela personagem principal, que é usada como meio para expor problemáticas relacionadas com o feminismo, como a desigualdade de género, assédio, bullying, entre outras, ainda existentes no ensino

secundário para com as alunas. Após a apresentação do filme à turma, a professora propôs criarmos igualmente uma fanzine.

O tema era “A Mulher e a Liberdade”, que consistia em realizar também uma fanzine, em semelhança com o filme, onde expomos temas que hoje em dia são muito falados, mas só ficam por palavras e não passam a ações, como por exemplo a igualdade de género.

O trabalho foi interessante de fazer, pois deu para abranger vários assuntos, que por norma não nos é dada abertura para discutir, de uma forma mais criativa e que desse para captar a atenção das pessoas.

Um dos maiores objetivos deste trabalho, é fazer com que as pessoas, principalmente o corpo estudantil da escola, conheçam o mundo feminista e a diferença que ainda persiste para com as mulheres nos dias de hoje.

Beatriz Marques

Lídia Inácio



LEITURA PARA FÉRIAS

Um dia estava a ler na biblioteca quando uma das funcionárias me convidou para a atividade “Leitura para Férias”, que consiste numa reunião de alunos que se inscreveram para apresentar livros que leram no decorrer do ano.

Para a reunião, cada um escolhe o livro que mais gostou e diz o título e autor, seguido de uma síntese da história. Assim, todos partilham as suas experiências literárias e recomendam leituras para as férias!

Como foi a minha primeira vez no evento fiquei um pouco nervosa, mas foram todos muito acolhedores comigo! Também foram divulgados livros muito interessantes e todos apresentaram muito bem, fazendo com que os restantes alunos (e professores) ficassem “vidrados”



no que estava a ser dito. A maneira como o encontro decorreu, de maneira descontraída e divertida, deixou-me deslumbrada. A simpatia dos alunos e professores presentes foi incrível e era de se notar que estavam todos realmente a prestar atenção ao que estava a ser falado, o que era mais uma motivação para falar, já que se ficava, assim, a saber que estávamos a dizer algo do interesse de todos.

Por fim, comemos bolinhos e bolachas com sumo de laranja (que estavam uma delícia, por sinal) enquanto conversávamos sobre outras obras literárias ou sobre as que foram apresentadas. Gostei imenso de participar e mal vejo a hora do próximo encontro ocorrer!

Giovana Mello de Araújo

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA



minha família e, claro, eu não fui exceção à regra mas, embora se entenda que já houvesse uma predisposição natural minha para gostar do assunto, na verdade, foi a minha professora de Português – a Professora Anabela Moiteiro - que me ensinou realmente a gostar muito de português, talvez sem se

Antes de partir para o relato da minha experiência queria deixar uma nota aqui escrita. Gostaria de começar por contar que o gosto pela língua portuguesa corre na

aperceber que o estava a fazer. Nesse sentido, posso atribuir-lhe mérito relacionado com a minha ida ao concurso e talvez até com o resultado que de lá advenha, porque o Rodrigo que entrou na sua aula no início do 11º ano não era um Rodrigo que alguma vez se inscrevesse para as Olimpíadas de Língua Portuguesa. Por isso, a minha breve participação neste evento começou no dia em que a professora apresentou à turma o concurso e eu pensei: “Porque não?”. E assim foi. Confesso que me passou despercebida a importância da prova a nível de escola e acabei por entrar na sala de aula para a realizar com pouca ou nenhuma preparação. Um erro. Acabou por correr bem e passei à fase nacional e foi nessa altura que comecei a levar as coisas mais a sério e decidi preparar-me um pouquinho melhor ao nível dos conteúdos de gramática. Apesar dessa maior seriedade que reconheci ao concurso, senti-me sempre muito tranquilo porque, lá está, foi uma experiência que me deu sobretudo gozo. A viagem de ida revelou-se muito interessante, na boa companhia

de dois alunos de nono ano, o Tiago e a Daniela e uma professora de Português, a professora Ana.

Chegados a Coimbra, numa soma de edifícios muito parecidos uns com os outros e em nada semelhantes a uma escola, o edifício da Secundária José Falcão passou meio despercebido inicialmente. Já lá dentro, não tive que esperar muito e fui encaminhado para a sala onde ia realizar a prova, no primeiro andar. A sala representaria fidedignamente uma sala de aula dos anos 60 num qualquer filme de época, não que isto signifique que estava mal cuidada, porque não estava. Simplesmente, o próprio espaço era antigo e a isso se acrescentavam o estrado de madeira mais alto que o chão em madeira envernizada, o quadro de giz e as altas vidraças voltadas para o pátio interior. Na sala estavam cerca de quinze pessoas, a contar comigo e com os dois professores vigilantes, dispersas por três filas de mesas. Sentei-me num lugar da frente e acabei

a prova relativamente cedo, esperando até ao final a rabisar uns versos na folha de rascunho.

Antes de irmos embora ainda tiramos duas fotografias de grupo, numa escadaria interior e numa escadaria exterior. Curiosamente não houve a experiência de convívio que pré-concebi encontrar mas isso não foi problema porque, como referi, convívio tive-o no táxi de ida. A viagem de regresso, ainda de manhã, fi-la a dormir e assim, passou-se muito rápido.

Numa análise geral, avalio a experiência como muito positiva pela sua leveza que, em paralelo, não deixou de permitir um carácter enriquecedor, não só pela componente da Língua Portuguesa, mas também pela componente social.

Simple e agradável.

Rodrigo Andrade Santos

CONCURSO NACIONAL DE LEITURA

Depois de um ano em que o Concurso Nacional de Leitura seria extemporaneamente terminado, fruto do confinamento decretado, foi com alguma expectativa que os concorrentes deste ano encararam a sua participação nesta 14.ª edição, numa organização conjunta das escolas, municípios e PNL.

Este foi um ano diferente, com a maioria das provas, ao contrário do habitual, realizadas online. Após uma seleção ao nível das escolas participantes, os alunos selecionados nas escolas do concelho, realizaram uma prova escrita, sobre “A Lua de Joana” de Maria Teresa Maia Gonzalez, no 3.º Ciclo do Ensino Básico e sobre “O Carteiro de Pablo Neruda” de Antonio Skármeta, os alunos do ensino secundário.



Após a prova escrita, foram selecionados os 6 melhores alunos para uma prova oral, que consistia na leitura de um excerto da obra avaliada, após o que se escolheram os 4 representantes do município, por nível de ensino, para a prova intermunicipal, a fase seguinte da

prova, tendo a Escola Calazans Duarte visto serem selecionadas 5 alunas para esta fase, a Marta Fonseca, no 3.º Ciclo e a Janna Velgan, Mariana Simões, Ariana Roque e Beatriz Santos, no ensino secundário.

A fase intermunicipal, tal como a fase anterior teve uma prova escrita realizada online, desta feita sobre “Rubra, a Árvore dos Desejos” de Katherine Applegate, no 3.º ciclo e “Autobiografia” de José Luís Peixoto, no ensino secundário, tendo sido apurados os 5 melhores

participantes do conjunto dos 10 municípios que constituem a Comunidade Intermunicipal de Leiria, com as alunas da Calazans Duarte, Janna e Ariana, novamente em destaque ao serem apuradas para a prova oral, esta realizada de forma presencial no Teatro Miguel Franco em Leiria, no dia 21 de abril., consistindo na leitura expressiva de um excerto da obra e de uma prova de argumentação.

PERSONALIDADE DO MÊS

Mensalmente a Mediateca destaca uma personalidade nacional, ou internacional com méritos evidentes, seja na área da literatura, das artes plásticas, da ciência, ou outras.

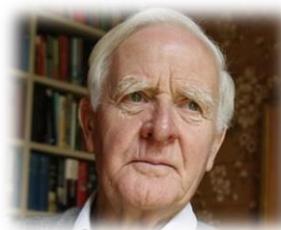
Este ano, face ao confinamento, apenas foram destacadas 6 personalidades, tendo predominado a escrita, com 4 pessoas, foram elas José Agualusa, Herberto Hélder, Le Carré e António Torrado.



José Eduardo Agualusa, foi o destaque em dezembro, mês em que atingiu os 60 anos de vida, nascido em Angola, mas tendo já vivido em países

como Portugal, Brasil ou Alemanha é reputado escritor, na área do romance, conto, crónicas e literatura infantil, tendo já vencido diversos prémios internacionais.

Herberto Hélder, poeta madeirense, um dos mais marcantes da poesia do século XX em Portugal, Prémio Pessoa em 1994, faria em novembro de 2020, 90 anos.



John Le Carré, pseudónimo de David John Moore Cornwell, famoso escritor inglês de livros de espionagem, como O Espião Que Saiu do Frio, O Fiel Jardineiro e Amigos

até ao Fim, entre muitos outros, teve um total de 15 dos seus livros adaptados ao cinema, falecendo em dezembro de 2020 aos 89 anos, com uma carreira literária de quase 6 décadas.

A Janna Velgan e a Ariana Roque tiveram uma excelente prestação nas provas orais, não tendo no entanto conseguido ficar num dos 2 primeiros lugares que lhes daria acesso à final nacional. Fica no entanto o registo de uma excelente prestação e de uma experiência que com certeza as marcou.

António Santos



António Torrado, jornalista, editor, professor, produtor, poeta, dramaturgo,... sem dúvida alguma um grande contador de histórias e autor de livros infantis, que o tornaram

um escritor de referência, com muitos dos seus livros traduzidos em várias línguas. Faleceu em junho de 2021, aos 81 anos, deixando uma obra eterna.

A ciência teve o destaque com o Prémio Pessoa 2000, Elvira Fortunato, professora catedrática no Departamento de Ciência dos Materiais da Faculdade de Ciências e



Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, diretora do Instituto de Nanomateriais, Nanofabricação e Nanomodelagem e do CENIMAT, foi pioneira na investigação sobre eletrónica transparente, nomeadamente transístores de filme finos baseados em semicondutores de óxidos e na possibilidade de fazer transístores de papel, iniciando um novo campo na área de eletrónica de papel.

Julião Sarmiento, que faleceu a 4 de maio de 2021, foi o nosso destaque na área da pintura. Com uma obra marcada por diversas fases, com a utilização de diferentes técnicas - pintura, desenho, fotografia, vídeo, cinema, escultura – foi na pintura que teve o seu reconhecimento internacional, com a realização de exposições em diversas partes do mundo.



António Santos

EUROSCOLA

O Programa Euroscola foi fundado pelo Parlamento Europeu e, posteriormente, aplicado em Portugal dando, por isso, origem ao Programa Euroscola nacional, desenvolvido, em parceria, pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) e pelo Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal. O alvo deste programa são escolas que participaram no Projeto Parlamento dos Jovens e é dado a estas, a oportunidade de inscreverem dois alunos matriculados no 10.º ou 11.º anos.

Para o processo de inscrição, é necessário submeter um trabalho escrito, com um máximo de extensão de três páginas A4, que consiste numa abordagem europeia do tema anualmente escolhido. Por sua vez, este trabalho escrito constitui 40% da avaliação.

Complementando os restantes 60%, estavam apresentações orais que, devido às condicionantes sanitárias impostas pelo vírus Covid-19, foram substituídas por uma produção audiovisual que reflete o conteúdo do trabalho escrito. A avaliação dos trabalhos está a cargo de dois júris, um presente nas sessões distritais ou regionais e outro na sessão nacional. Na sessão distrital ou regional, o júri estabelece uma classificação de mérito a cada trabalho e apresentação e elege a escola que prosseguirá para a sessão nacional. Derradeiramente, os vencedores do concurso nacional são premiados com uma viagem ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, onde passarão um dia como membros do Parlamento Europeu.

Este ano o tema era “Cidadania e participação jovem, qual o papel das novas tecnologias?”. Numa primeira instância, elaborámos o trabalho escrito que, depois foi revisto pelo professor António Santos. De

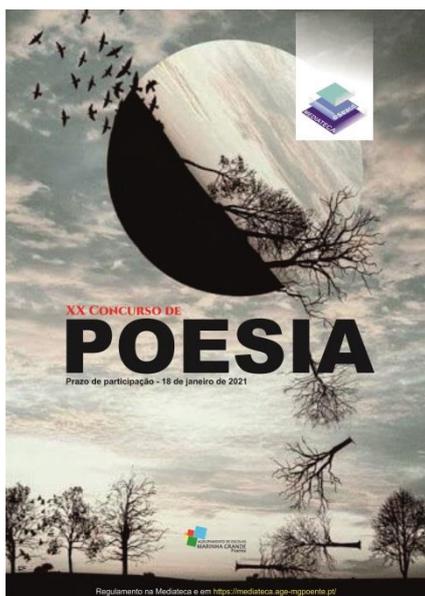
seguida, para a produção audiovisual, após um processo criativo, do qual surtiu um guião, contámos com o apoio dos professores António Santos e José Nobre para a filmagem e edição do vídeo final. Por sua vez, este vídeo requereu o uso, não só dos equipamentos de multimédia escolares, como também cenários da escola como o Laboratório de Aprendizagens e a Mediateca. Aquando da conclusão do produto final, que, no nosso caso, foi apresentado



numa sessão distrital, o júri constituído por Eugénio Lucas, docente na ESTG; Ana Soledade, responsável pelo CRI de Leiria e docente na ESECS; e Hugo Aguiar, CEO do Projeto SPEAK, atribuiu-nos uma pontuação geral de 3,85. Com efeito, esta pontuação

proporcionou a nossa vitória na sessão distrital, face às duas restantes escolas concorrentes, nomeadamente, Escola Secundária de Pombal (3,80) e Escola Secundária Domingos Sequeira (3,52). Consequentemente, esta conquista garantiu-nos um bilhete para a sessão nacional que contou com a participação de 18 distritos/regiões. Destes 18 trabalhos, o júri nacional conferiu-nos o oitavo lugar, o que infelizmente não nos permitirá ir a Estrasburgo. Contudo, as aprendizagens adquiridas ao longo deste programa foram inúmeras e, decerto, bastante enriquecedoras. Todavia, as três primeiras escolas, em específico, o Agrupamento de Escolas da Maia, do Porto (45,80); o Colégio São Teotónio, de Coimbra (45,20); e o Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco, de Braga (44,80), irão representar Portugal no Parlamento Europeu, no próximo ano.

Matilde Lopes
Tomás Elias



XX CONCURSO DE POESIA

Por dentro, não cai a suave neve invernososa

Por dentro, não cai a suave neve invernososa...
Meus sonhos são meros aviões em terra!
E há em mim toda a mágoa do vazio,
Por viver este Natal como uma guerra...

1.º Lugar

Deitado sobre escombros, falece o calendário nado-morto,
Deitada sobre palhas, adormece a compadecida Ternura...
Por dentro, pouco tremeluz a amena chama do conforto!
E adere-me ao rosto um véu opaco de tristura...
Por dentro, não cai a suave neve invernososa...

Atravessei o calendário, sou caminheiro de sorriso camuflado...
Peregrino de semblante embaciado...
Por dentro, não cai a suave neve invernososa...

Na modorra da minha alma, há febril saudade de outrora,
Na claraboia do meu olhar, há salgadas bagas de orvalho...
Ai! coração sem agasalho, pudera eu ver a Estrela de uma nova aurora!
E, por dentro, pudesse cair a suave neve invernososa!

Mariana Silva

O mar

Oh mar de águas profundas
De azul-esverdeado,
Meu coração inundas
Com as mágoas do passado.

Não me lembres da dor
Dos amores do passado
Imploro-te por favor,
Oh meu mar gelado

Ariana Roque

2.º Lugar

FELIZ NATAL- SÉC. XXI

A cidade está iluminada, bonita...
Não diria que esta noite pertencesse a este dia
Para não dizer a este ano.

Não é Natal, mas já estamos em dezembro
E de repente a vida parece bela,
Ou talvez sejam apenas as ruas.
Não sei bem.
Deixo-me levar.

E eu que passo por elas
Parece que respiro outra vida.

Reavivam-se memórias.
Viajo no tempo.

Estavam para chegar os dias dos grandes banquetes, das grandes
jantaradas.

Em breve a lareira estaria acesa
E a família em seu redor a contar histórias embaraçosas de algum primo
que nem sabia que existia
Mas que também estava ali, a rir de vergonha.

Estava para chegar ao que parecia ser a única altura do ano
Em que era possível ter todos os avós reunidos na mesma casa,
Todos os tios e tias,
Primos e primas...
Enfim, toda a família!
Era uma alegria!
Por algum motivo era preciso chegar o Natal para isto acontecer, mas
não importa.

Algo me interrompe esta alegria de lembrar.
Ouço um estilhaçar.
Não demorei muito a perceber que foi na rua de dentro.

A consciência atravessou-se no caminho.
Ergueu-se em menos de segundos como um muro
E a ilusão que sobrevoava sobre o coração embateu nela
E caiu redonda no chão.

Senti-a partir.
Senti-a espetar.
E à medida que espetava, acordava
E à medida que acordava, sentia.

De repente sei.
Sei que cada vez há menos gente à mesa nesse dia.
Sei que se não for o barulho da televisão é uma noite morta.
O peru no tabuleiro parece tentar meter conversa.
A ânsia pela meia noite já não é pelo mesmo motivo.
E nem a lareira é capaz de aproximar as pessoas,
Porque parece cada vez mais fria ao longo da noite.

E a cada ano que passa é pior.

Será que sempre foi assim e eu tinha um forte poder imaginário quando
criança,
Ou desaparecer faz parte da evolução humana e está tudo a correr como
suposto?
Se calhar é verdade que só nos temos a nós no final...

Tenho duas pessoas da família com quem passar o Natal
E nem ter as duas juntas me parece ser possível.
Resta-me a mim e à minha cadelinha que amo tanto
E até ela me querem tirar.

"E o que é feito dos outros todos? Eram tantos!..."
Não sei, sinceramente.

Uns morreram, outros não sei.
Infelizmente só sei dos que morreram,
Porque só assim é que se sabe alguma coisa de alguém.
Se calhar nunca existiram e eu imaginei tudo!...
Era só uma criança na altura destas memórias felizes.

3.º Lugar

Não passou muito tempo desde essa época:
Ainda sou jovem e com dois ou três sonhos,
Mas sinto-me como uma velhinha
A contar histórias longínquas de uma infância já difícil de recordar.
E o pouco que ainda recordo
Faço-o com uma nostalgia que me deixa doente.
Deixa-me doente e é do coração
Por ter noção que esses tempos jamais voltarão a ser o que eram.
Ou sequer jamais voltarão a ser alguma coisa!
Não porque não queira,
Mas porque todos os envolvidos já morreram
E eu por ser o elemento mais novo fiquei cá para contar pelas últimas
vezes
A netos que nem sequer são meus...

Tragam-me as filhoses da minha avó,
E o arroz doce da minha mãe
Que todos comiam já a pensar numa maneira de lhes sacar a receita.
Tragam-me o meu avô para me contar piadas
E a ânsia pela meia noite para abrir as prendas
E não simplesmente para a noite acabar.
Tragam-me a crença de que éramos felizes e unidos,
E a árvore de Natal que este ano nem se montou
E peguem-me ao colo para colocar a estrela no topo como me fizeram
sempre!

Ai que alegria de lembrar...

Venham e ralhem comigo por roubar os doces antes dos convidados
chegarem
E aborreçam-me por me mandarem encolher os braços ao jantar de
cinco em cinco minutos.
Até me podem mandar para a mesa das crianças
Por muito que odeie ser vista como tal!
Mas venham!

Já não é um convite,
É uma súplica.

Venham!
Venham que estou doente...
Já não é só o coração,
Agora tudo me dói.
O bom disso é que pelo menos sinto alguma coisa
E sei que estou viva
E que estou aqui...

Dói saber que este ano não tenho que encolher nem um braço nem
outro,
Nem ninguém para andar de olho em mim quando estiver perto dos
doces.
Dói não ter que lavar aquela louça toda que só de olhar ficava cansada.
Dói saber que será Natal e não cheirá sequer a Natal,
Nem às filhoses da minha avó,
Nem a nada.

Venham!

Chego ao final da rua,
E à medida que me aproximo de casa
(Uma casa a que nem sequer pertence, mas que me deixaram
pertencer por uns tempos),
Tudo vai escurecendo de novo.

O ar muda, e eu também.
E nem sequer foi por ter posto a máscara.

Meto a chave na porta.
Olho para o "Feliz Natal!" nela pendurado antes de a abrir.
Entro.
E assim que a fecho percebo que realmente o "Feliz Natal" ficou lá fora.

Amanhã passo lá outra vez
Para me embebedar de memórias
E fingir que não sei o tamanho da ressaca...
Feliz Natal.

Rita Costa

XIX CONCURSO DE CONTO

1.º Lugar



A Tela

Estava Deus sentado a pintar o mundo, quando cegou. Quebrantado por tamanho infortúnio, chorou tantas lágrimas que, vincando montanhas e desenhando vales, se inventaram os oceanos. Nunca, naqueles seis primeiros dias de existência, se vira semelhante pranto e, não fosse isso suficiente, O Altíssimo parecia ter enlouquecido de vez e havia até chegado ao ponto de inventar cavalos de pescoço irrisoriamente grande, a que chamara girafas. Preocupadíssimas com o descarrilar da Criação, as hostes celestiais conjecturaram sobre o que fazer e chegaram tão fundo na sua introspeção que, em duas horas, se invencionou a psicologia – de nada lhes serviu. O tempo ia envelhecendo e o mundo, descansando no cavalete, parecia irremediavelmente abandonado a uma eternidade acromática.

Umás melancolias mais tarde, consternado de tanto não ver, cansado de tanto não olhar, devolvido à sua sensatez, recompôs-se e decidiu retornar-se ao trabalho. Pintar já não podia, então, dedicou-se à criação das moscas. Não foi trabalho que se dissesse muito fascinante ou sequer que se verificasse de alguma utilidade para a conjuntura da fauna e da flora mas, em verdade, foi o marcar de um regresso ao labor divino e isso devia ser prezado e enaltecido. Desse modo, embora ainda escondido numa tristeza enublada, um vigor solarengo descobriu-lhe a alegria e esse antagonismo emocional fez, nos céus sobre Si, o primeiro arco-íris. O Próprio, está claro, não se apercebeu do sucedido, mas o mesmo não se pode dizer dos anjinhos e anjinhas e outras tais entidades do firmamento que se haviam recolhido a seus lares, desalentados pela depressão d’O Todo-poderoso.

O inédito acontecido, visto e murmurado entre ruas e ruelas do paraíso, como premonição de algo grandioso que aí vinha, chamou, sem palavra alguma, todos ao encontro daquela novíssima arte, digna de um fresco num, ainda por vir, teto da capela de Sisto, esta, desta vez, no teto do firmamento. Num burburinho de pés atrapalhados, as caras boquiabertas, em cada vez maior número, peregrinaram em direção às sete cores arqueadas. No âmagos de cada um, sem exceção alguma – o mesmo seria dizer, no âmagos da multidão – entalava-se o sentimento, um sentimento quente e bem de raiz, de que se avizinhava o apogeu da Criação indo, assim, o silêncio adensando-se muito alto à medida que se acercavam do destino.

Enfim chegados ao arco-íris, todos se quedaram olhando a bela curva tingida. Isso já ninguém sabe, se por respeito às lágrimas emocionadas do próximo, se por estupefação do corpo, ninguém se moveu durante largo tempo. No entanto, porque alguma vez teria que ser, alguém quebrou aquele gelo de som e imagem – um velhote de bata encardida e fino branco cabelo, já a rarear. Subiu a um pedregulho na dificuldade de quem já muito viveu e, enxergando na multidão os sete a quem os olhos mais luziam, chamou-os a si, anjos e anjas. O que os sete não sabiam, mas logo ficaram a saber, é que aquele homem ali, tão vulgar como qualquer outro, era o contínuo dos céus. De certa forma, envolto numa beleza poética, isso fazia-o a pessoa mais importante do lugar tanto que, se um dia se rebelasse e não abrisse o portão, não só causava um engarrafamento de criaturas no purgatório – pobre Gil Vicente, teria obra infinita para escrever –, como faria com que Deus não pudesse entrar pelos portões deixando os céus entregues a outro deus, ao deus-dará.

O contínuo, aos sete que se juntaram à sua beira, ofereceu sete pauzinhos de bigode farfalhudo, os quais apresentou como se denominando “pincéis”. Ninguém sabia, sabe ou saberá a origem de tal invento mas isso

também não foi importante para o desenrolar do que se seguiria. O hepteto, de pinças na mão, numa cegueira diferente da Deus, pois viam, seguiu de olhos vidrados em direção ao arco das sete cores. Lá chegados, continuamente levados por uma determinação que não era sua, molharam os pinças no arco-íris e tocaram de pintar o mundo. Demão para cima, demão para baixo, na horizontal para o mar ficar bem azulinho. Já agora, num aparte, enquanto se vai pintando o mundo, é oportuno dizer os nomes dos empreendedores de tais feitos, ainda que desconhecidos. São eles: Pablo P., Vicent van G., Claude M., Salvador D., Frida K., Edvard M. e Leonardo da V.. Despachada esta linha de créditos dados a quem os merece, o relato que prossiga.

Em boa verdade, a tela encontrava-se bem bonita, mas isso pouco valeu quando aos ouvidos d'O Altíssimo chegou a notícia, vinda, certamente, de um cobiçoso ortodoxo, procurando cair nas Suas boas graças. Furibundo, vermelho de raiva – que então já existia o vermelho –, Deus proclamou que tamanha traição à sua autoridade ficaria conhecida como o Pecado Original embora que, com o tempo, Eva tenha vindo a apropriar-se de uma parte da culpa, dando uma folgazinha aos pobres sete. É assim a História, convém, de vez em quando, reescrever a culpa. No seguimento de tal proclamação, não se ficando por aí a sua cólera, O Todo-Poderoso enviou toda a corporação dos céus para a terra para que, eternamente, aprendessem a olhá-lo de baixo e a dirigirem-se-lhe de joelhos quando necessitassem dele. Tirou-lhes quaisquer privilégios e passou a chamá-los de Homens. Pois sabendo isto, tudo ganha um sentido muito mais lógico, que a única obra em que Deus não empreendeu a razão e a sensatez foi aquela que correu mal, somos nós, pecadores, prova viva disso.

Ora então, termino dizendo que se desenganem aqueles que pensavam que tinha sido Deus a pintar o mundo, que quem o fez foram os Homens.

Rodrigo Santos (12º C)

2.º Lugar

D. Sebastião

Naquele dia tínhamos a estratégia perfeita, lutámos com todas as nossas forças, mas não foi suficiente. Derrotados no norte de África, em Alcácer-Quibir. Uma desgraça, mortes, feridos e desaparecidos, mas deixem-me contar-vos o que na verdade aconteceu naquela manhã de nevoeiro.

O último momento que me ficou na memória do dia da batalha foi uma valente queda do cavalo, no meio de tanta agitação senti o meu corpo ser arrastado, alguém me puxava pelos braços, um homem. Acordei desorientado, numa qualquer cela, deitado no chão, não sabia quantos dias tinham passado nem onde estava. Assim que me sentiram desperto, apareceram dois homens, bastante mais corpulentos do que eu, e olharam-me com desprezo.

- Onde estou?- perguntei.

- Não precisa de saber. Vamos chamar o mestre. - disse um deles com um tom apático.

Momentos mais tarde surgiu o mestre, Omar, o senhor que tinha aprontado uma estratégia para tirar D. Sebastião do campo de batalha e deixá-lo até a morte numa masmorra. Isto como resultado de uma pequena aliança com os espanhóis, na tentativa de estes conquistarem Portugal, em troca de uma grande quantia de ouro, que permitiria a Omar sustentar a filha, Aisha, de apenas 14 anos. Ele assim o fez.

Fiquei naquele sítio frio, húmido e sem janelas durante tempo a mais para ser memorizado, e não mantive contacto com mais ninguém a não ser com o mestre e um dos seus criados, que me levava pão e água duas vezes ao dia.

O único dia em que vi a luz do sol foi quando alguém abriu o grande portão de madeira que se encontrava ao fundo deste corredor onde passei os últimos anos. Vi entrar criadas com comida e decorações, falavam da festa para os 20 anos da menina Aisha, como de costume lhe chamavam, elas viram-me a mim, e pelo seu ar de espanto suponho que não soubessem que eu ali me encontrava. Como todas as criadas, estas também espalharam a notícia, ficando-se a saber nas redondezas que Omar tinha feito um refém na batalha, e o mantivera escondido durante todo este tempo.

Era de esperar que Aisha viesse a saber, e assim aconteceu. Ouvia-se uma discussão ao longe.

- Perdi todo o respeito que tinha por si. - Protestou uma voz feminina.

- Foi um mal necessário, se não fosse pelos espanhóis não terias a vida que tens hoje! - Gritou Omar.

Não houve festa, ou pelos menos não se deu por qualquer movimentação estranha na grande fortaleza.

No dia seguinte, a curiosidade ou somente a vontade de confirmar o que as criadas sussurravam umas às outras levou Aisha a dirigir-se aos corredores a oeste, onde nunca tinha entrado e se encontravam as celas de que todos falavam. Percebeu rapidamente que o homem que a criou e lhe deu educação afinal era um homem cruel, sem princípios. Viu-me. Olhou para mim com um enorme desgosto, não por eu estar ali, mas por tudo o que diziam ser mesmo verdade. Puxou um pequeno banco de madeira, velho, e sentou-se de frente para mim. Disse-me onde estávamos, não muito longe do sítio onde decorreu a batalha, se o meu povo me tivesse procurado no sítio certo ter-me-ia encontrado.

- Descobri hoje que aqui se encontrava, quem é o senhor?- Disse com uma voz meiga.

- Ninguém, outrora D. Sebastião I, rei de Portugal, agora rei de nada, talvez até já dado como morto.

- Vou tirá-lo daqui.

Tentei convencer a jovem de que seria uma tarefa impossível, que eu mesmo já tinha tentado sair, e que agora, devido à dispersão dos rumores, iria ter vigilância reforçada por se saber por toda a aldeia do meu paradeiro.

- O meu pai pensa em executá-lo amanhã de madrugada.

Depois de tanto tempo fechado, nunca me tinham falado em morte. Talvez por Omar não ser um homem tão cruel como agora demonstrava. Mas ia certamente fazê-lo, matar-me. Era preferível ter morrido no campo de batalha, pelo menos assim morreria como um herói.

Depois de sentir a falta da filha durante algum tempo, Omar ordena que a procurem, entretanto entram dois homens, os mesmos do dia em que aqui acordei, um deles pega nela pelo braço, e ela vai sem protestar, não disse uma palavra.

Nessa noite não dormi, não sei se por causa do medo ou da esperança que depus nas palavras da jovem rapariga.

Ela manteve a sua palavra, chegou vagarosamente por volta da meia-noite, até hoje não sei como foi capaz de passar os guardas e lhes tirar a chave da cela. Porém, Aisha conseguiu.

Sáímos, sem ninguém dar por nada, não pelo portão grande ao fundo do corredor, mas por uma porta pequena que dava para as traseiras da casa. Corremos, mas já nos seguiam os dois fiéis ajudantes de Omar. Contudo, não nos alcançaram, vinham a pé, e a menina tinha um cavalo pronto a tirar-me de lá.

- Vou consigo.

E sem mais uma palavra subiu para o cavalo.

- Tem a certeza, menina? Deixa a sua família para trás?

- Não tenho família aqui, só aquele homem que diz ser meu pai.

- Não é seu pai?

- Não.



A falecida esposa de Omar tinha acolhido a menina em pequena, após o falecimento dos seus pais. Mas a senhora morreu, deixando a menina aos cargos deste homem duro e insensível.

Fugimos os dois, nunca mais avistámos os homens de Omar, mas ficámos com receio que nos encontrassem, então cavalgámos durante dias e noites até chegarmos a Ceuta. Ficámos por ali, onde Aisha tinha parentes que nos providenciaram um teto.

Recomeçámos a nossa vida nessa mesma cidade, casámos, arranjamos um lar e tivemos dois filhos. Ainda não senti a necessidade de voltar para o meu país, com uma vida tão comedida e firme aqui, ao lado de uma mulher que me salvou sem sequer me conhecer, e de uma família que ambos construímos.

Espero a certo ponto ter a oportunidade de levar os meus rapazes a Portugal. Um dia voltarei ao lugar onde nasci.

Margarida Coelho Henriques (12.º. C)

3.º Lugar

Ana Fitzgerald encontrava-se agora no meio de um tiroteio, de um lado encontravam-se talvez os traficantes mais perigosos de Londres e do outro a equipa liderada por Ana.

Ana já se encontrava no topo do moro quando o avistou, o mais temido bandido de toda a Londres e autoproclamado chefe dos traficantes.

Devem estar a pensar quem é a Ana Fitzgerald? O que estava a fazer no meio de um tiroteio? Que tipo de equipa estaria ela a liderar? Para responder a estas questões é melhor recuarmos um pouco no tempo, vamos voltar ao tempo em que a Ana estava apenas em no início da sua carreira.

Ana é a mais recente policial de Londres por isso ela não fica com os trabalhos mais importantes que o seu emprego na Polícia lhe reserva. Desde pequena que ela desejava ser da polícia, apanhar bandidos, acabar com contrabandos, impedir assaltos... Não era a passar multas de estacionamento que ela imaginava que ia passar o trabalho.

Ana estava seriamente a pensar desistir, já não aguentava passar multas, ela queria um pouco mais de ação, ela não queria ficar agarrada áquilo até à reforma. Ela achava que não havia mais volta a dar, porém um dia quando ela ia para o trabalho ela viu um homem a apontar uma arma a uma criança num beco.

Ana sabia que seria penalizada se não chamasse um colega de trabalho experiente e autorizado para realizar o socorro da criança, mas se ela perdesse tempo a fazer o que o regulamento manda poderia ser tarde demais para a criança... Ana não pensou duas vezes, chegou por trás do bandido e conseguiu desarma-lo, logo depois apontou a arma para ele e mando-o seguir com ela até à esquadra, ela também pediu para a criança ir com ela para depor contra o estranho.

Assim que lá chegou, dirigiu-se para a sala de interrogatório onde o seu superior interrogou a criança e a seguir o bandido, após a sessão de interrogatório o Delegado Fernandes pediu para a Ana Fitzgerald se dirigir ao seu gabinete.

Ana pensou que seria castigada ou pior que seria despedida, porém as notícias foram outras, o Delegado disse-lhe que ficou impressionado com a sua astúcia e forma rápida de agir, ele disse que muitos caloiros nunca o teriam feito. Apesar de ela ter quebrado uma regra bastante importante isso não mudava o fato de ela ter salvo uma vida e de ter detido um bandido, por isso o Delegado decidiu que a iria promover, ou seja, ela iria começar a ir em resgates, perseguições, negociações, todo o tipo de trabalho que ela já havia sonhado.



Nos meses seguintes Ana começou a destacar-se de entre os seus colegas, e novamente foi promovida, desta vez ela era a comandante de uma equipa de polícias novatos, pouco experientes, mas não era nada que um pouco de trabalho árduo e um treino intensivo pudessem resolver.

Foram necessários vários meses, mas por fim eles melhoraram bastante o seu desempenho e a sua competência durante o trabalho. Aprenderam a atirar, melhoraram a mira e a capacidade de negociação e principalmente aprenderam a agir com cautela para que sempre saíssem dos combates sem baixas.

Foi então que Fitzgerald recebeu uma ligação estranha, quando atendeu percebeu que era a voz do seu chefe, o Delegado, a pedir com urgência a presença dela e da sua equipa no moro onde o maior bando de traficantes de Londres se escondiam, ele pediu urgência pois a sua equipa havia sofrido muitas baixas e iriam precisar de reforços.

Rapidamente ela desligou a chamada e convocou os seus homens, avisou-os que esta não seria uma tarefa fácil e que seria bastante perigoso, além disso ela pediu para eles se lembrarem de tudo o que lhes havia ensinado naqueles meses e também pediu que eles trabalhassem juntos e se ajudassem uns aos outros.

Quando chegaram ao moro puderam ver alguns homens a transportar feridos para o hospital, além disso também puderam ouvir os tiros. A equipa de Ana entrou sem medo na luta, esta podia ser complicada, mas eles no fundo sabiam que estavam prontos. Ana deu-lhes ordens expressas para não matar ninguém, apenas desarmar e ferir em locais onde não exista perigo de morte.

Ana subiu morro a cima à procura do seu chefe, quando finalmente o encontrou viu escondido atrás de um muro ferido na perna direita. A comandante gritou por ajuda e depressa dois de seus homens chegaram e cuidaram do Delegado.

A comandante continuou morro a cima, ela desarmou uns quantos traficantes, prendeu uns quantos outros e chegou a ferir alguns. Depois de muito tiroteio ela finalmente se deparou com o líder dos traficantes, John River, um homem perigoso e que prefere resolver os seus problemas na violência. Ana deu-lhe uma oportunidade de se render, porém ele não queria ser preso tão facilmente.

Foi então que Ana percebeu que aquele que atirasse primeiro estaria salvo, aquele foi o momento mais aterrorizante na sua vida, ela tinha acabado de ver a sua vida passar á frente dos seus olhos, ao repensar na sua vida ela percebeu que se fosse para partir ela partiria com orgulho.

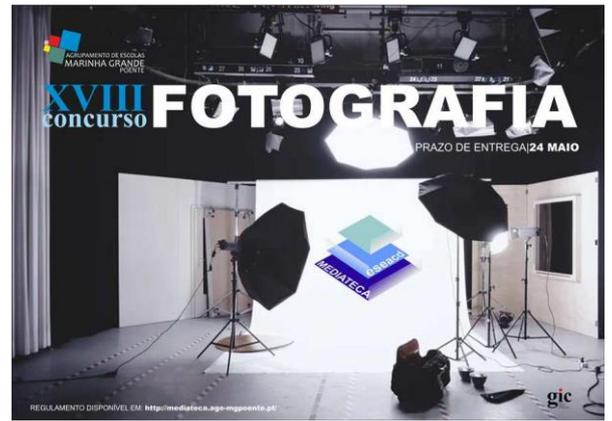
Todos naquele moro ouviram aquele tiro, a armada de Ana logo chegaram no local, eles pensaram que o pior havia acontecido, porém os seus olhos não podiam acreditar no que viam, a sua comandante estava viva, fora ela a dar o primeiro tiro, ela fora ágil o suficiente para o ferir antes que ele apertasse o gatilho, ela havia ferido John no braço esquerdo incapacitando-o de atirar, ele estava agora desarmado e algemado aos seus pés.

Depois deste ato de bravura, e de livrar o moro dos traficantes, Ana recebera um prêmio na polícia e fora felicitada por todos. Dias depois ela foi convidada a dar uma entrevista especial ao vivo para toda a Inglaterra conhecer a salvadora de Londres.

Assim todos aqueles que assistiram a sua entrevista puderam perceber o seu valor, Ana deixou uma última mensagem para o público antes de partir para a sua próxima tarefa...Ela pediu para eles nunca desistirem, e acreditarem que com algum esforço e dedicação eles conseguiriam realizar qualquer sonho mesmo que as pessoas ao seu redor não acreditassem.

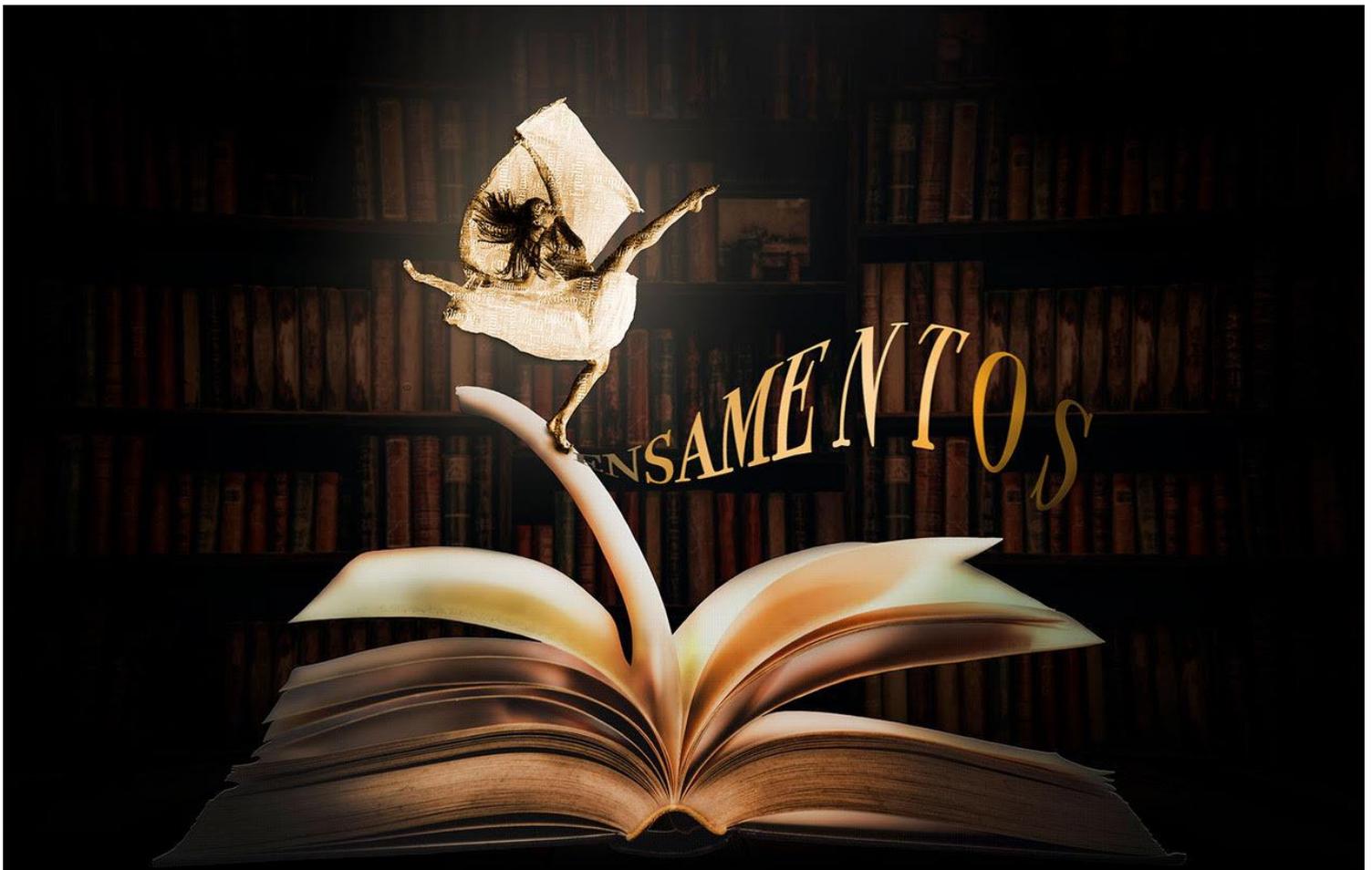
Letícia Santos (10.º B)

XVIII CONCURSO DE FOTOGRAFIA



1.º Lugar

Ana Cantanhede, 12.º E



II CONCURSO UMA HISTÓRIA EM IMAGEM(S)

Vencedor

Beatriz Paulo, 10.º E



Nota: imagem criada com base num excerto do “Memorial do Convento”, disponível [aqui](#).

XV CONCURSO FALA-BARATO

Vencedor

*"Quando o sono fala
mais alto que o dever."*

Janna Velgan, 12.º C